A MELHOR PARTE

"Marta, Marta, andas inquietas e agitada por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada." (Lc 10, 41)

Inquietos e agitados

Inquietas e agitadas – eis as palavras que melhor definem as famílias modernas no retomar das rotinas de trabalho e de escola. Depois das férias, volta a azáfama do costume, o despertador matinal, o pequeno-almoço engolido à pressa enquanto o pai já apita no carro, porque são horas da escola. Ao fim do dia, o tempo escoa-se por entre as múltiplas atividades extracurriculares ou paroquiais. E até aquele "amanhã é sábado", que nos devia fazer suspirar de alívio, se transformou num grito de socorro para muitas famílias. É que o sábado deixou de significar descanso, para significar mais corrida, mais agitação e inquietação. Restará ainda o Domingo para um encontro festivo com a família e com o Senhor?

Inquietos e agitados – eis também as palavras que definem os novos pais no exercício das suas responsabilidades, e refiro-me aos pais que as levam a sério, não aos que as evitam. No espaço dos vinte anos que separam o meu primeiro do meu último filho, a educação deixou de ver a criança como um elemento da família, para fazer dela o centro da família. E deixou de ser intuitiva, para ser aprendida em manuais. Como resultado, temos pais esgotados, atolados ora na culpa de não serem capazes, ora na vaidade da sua perfeição. Porque parece que todas as decisões sobre a vida dos filhos – do parto à amamentação, do método para adormecer ao método para disciplinar, das atividades extracurriculares à forma de celebrar os aniversários – se extremaram e tornaram decisões morais, onde há um "certo" e um "errado", capazes de influenciar o destino dos filhos para todo o sempre.

Inquietos e agitados – assim andam também os católicos, perante a instabilidade da Igreja, abalada por sismos de amplitude 9 na escala de Richter, esquecendo-nos de que a Casa de Deus está fundada sobre a Rocha firme, à prova de sismo, de bala, de furacão, de fogo, de escândalo – e do Inferno.

Pouca coisa é necessária

Jesus diz a Marta que a refeição não precisa ser complicada. Os convivas não são exigentes, e a alegria à volta da mesa vale mais que o requinte dos pratos. Precisamos de muito menos do que imaginamos. Como diz Jesus, precisamos de pouca coisa. Temos redes sociais a mais, atividades a mais, informação a mais sobre demasiados assuntos, preocupações a mais e exigências a mais. Com tanto excesso, desconectámo-nos do nosso interior, do nosso bom senso e da nossa consciência, que lá no fundo, nos alertam para o perigo em

que vivemos. Neste início de ano letivo e pastoral, precisamos de esvaziar – os roupeiros e as gavetas, o email e a cabeça, e algumas horas do dia.

A melhor parte

Mas Jesus vai ainda mais longe. De entre a pouca coisa que é realmente necessária, há "uma só" que é imprescindível. Essa "uma só" é, diz Jesus, a melhor parte, que Maria escolheu. Olhemos então para Maria de Betânia, que, *"sentada aos pés do Senhor, escutava a Palavra." (v39)*

Sentar-se aos pés de Jesus e escutar a sua Palavra, eis a melhor parte, a única realmente necessária. Não façamos deuses, do trabalho, da escola, do lazer, ou das ideologias de educação. *"Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!" (Ecl 1, 2)* Temos um único Senhor, e é a seus pés que queremos viver.

A nossa "quarta bilha" é a Oração Familiar. As Famílias de Caná conhecem o segredo de Maria de Betânia, e gostam de se reunir aos pés de Jesus, para escutar a sua Palavra e Lhe responder em oração.

Mas será que, de facto, é à volta deste tempo diário de oração familiar que o nosso dia se constrói? Estaremos realmente conscientes de que esta é a única coisa, a melhor parte que não pode faltar no nosso dia nem na nossa casa? Ou deixamos que a agitação deste recomeço da escola e do trabalho depois das férias nos roube o que de melhor nos foi confiado? Pois se temos tempo para o trabalho e o estudo, a brincadeira e as atividades extracurriculares, a televisão e a Internet, as refeições e as viagens, mas não temos tempo para rezar em família, não estamos a ser fiéis ao nosso compromisso de Família de Caná.

Não lhe será tirada

E a boa notícia é que, se escolhermos a melhor parte, ela não nos será tirada. Se fizermos da Oração Familiar o centro e o cume do nosso dia e das nossas rotinas, descobriremos que nunca nos faltará o tempo para ela. É tão simples quanto isto: a promessa foi feita pelo próprio Jesus!

A Oração Familiar pode ser repartida por vários momentos do dia, se o serão não tiver minutos suficientes para a abrigar. Podemos ler o Evangelho do dia à volta da mesa do pequeno-almoço ou do jantar, rezar um mistério do Terço num dos vários trajetos de carro, e deixar para a hora de deitar um cântico suave e uma partilha mais pessoal, *"como o amigo com o seu amigo" (Ex 33, 11).* Dizia Chesterton: "O que vale a pena ser feito, vale a pena ser mal feito." E isto é válido para a oração familiar: vale a pena rezar em família, ainda que a nossa oração seja imperfeita e nunca chegue a ser como a sonhamos.

Neste ano letivo e pastoral que começa, possam todas as Famílias de Caná escolher a melhor parte. Ámen!

© Teresa Power, 1-10-22